

EDITORIAL

**O DIÁLOGO NECESSÁRIO ENTRE A EPIDEMIOLOGIA E AS CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE**

No Editorial do último número do *Informe Epidemiológico do SUS*, Maurício Lima Barreto assim se referia ao papel primordial da epidemiologia no campo mais amplo da Saúde Coletiva: “*a investigação epidemiológica, ao mover-se entre as sociedades (epidemiologia social) e as moléculas (epidemiologia molecular), se por um lado, demonstra a amplitude da tarefa do epidemiologista, demonstra também ser uma das disciplinas mais bem preparadas para compreender o ser humano em suas múltiplas dimensões*”. (2001; 9:168). Como cientista social e já tendo percorrido um caminho relativamente longo no campo da saúde coletiva, fiquei ao mesmo tempo feliz e preocupada com esse depoimento. Feliz, porque conheço de quem vem. Maurício Barreto é dos epidemiologistas mais brilhantes e comprometidos que conheço, neste País. Suas análises sobre a situação de saúde no Brasil, sobre doenças específicas, sobre a relação entre saúde e ambiente, todas elas trazem a marca inconfundível de uma reflexão acadêmica que passa por uma formação intelectual sólida e ampla, pela sensibilidade no trato dos problemas e das pessoas e pela relevância social de suas atividades. A preocupação veio de um certo tom de “suficiência disciplinar” que observei em sua sentença.

Como membro do Corpo Editorial do *Informe Epidemiológico*, e não sendo epidemiologista, só entendo minha presença nesta seara se for para contrapor, e até, modestamente, tentar iluminar algumas afirmações problemáticas que a meu ver, estão sempre colocadas nas reflexões e práticas no campo da saúde coletiva. A idéia da Epidemiologia como uma disciplina

suficiente para compreender “*o ser humano em suas múltiplas dimensões*” coloca em parêntesis o papel das ciências sociais e das ciências humanas, ou melhor, a possibilidade do social e da subjetividade serem pensados com teorias específicas, ficando assim subsumidos às análises epidemiológicas, seja do ponto de vista molecular, clínico ou populacional. Minha chamada neste editorial é para a necessidade do diálogo interdisciplinar, onde as questões sociais sejam tratadas pelas seculares tradições científicas que analisam a sociedade, suas relações, representações e organizações; e a subjetividade e a cultura (que fazem a mediação dos processos de saúde e doença), como temas clássicos tanto dos antropólogos como dos psicólogos e filósofos. Falo isso em nome da eficiência, da eficácia e da tão mal debatida “humanização da saúde”. Também lembro aquele seminal documento gerado na Conferência Mundial sobre Promoção Humana em Ottawa em 1986, no qual os fatores de determinação social, de impactos ambientais, de desenvolvimento da biologia, e de avanço das tecnologias de assistência foram contrapostos à necessidade de levar em conta a vontade das pessoas, a suas definições de qualidade de vida e à responsabilização pessoal e social pelo sucesso da Saúde individual e coletiva.

Nesse editorial, escrito para uma revista de leitores, na sua maioria, epidemiologistas, meu desejo é falar da importância desse encontro, entre várias ciências, podendo a epidemiologia ser a que nucleia e aponta os problemas cruciais que interagem na distribuição das doenças nas populações, a partir de indicadores de riscos e vulnerabilidades, e de métodos

cada vez mais precisos de prever e prever.

Por ser meu campo e é dele que entendo um pouco mais, diria que às ciências sociais cabem problematizar os conceitos tidos como verdades inquestionáveis, desnaturalizar os indicadores, evidenciar os reducionismos, mas, sobretudo, trazer para a pauta do debate, a *lógica interna dos grupos sociais, que costumam ficar ocultas sob os números e são essenciais para a eficácia das propostas de saúde*. Colocando em foco *as razões da interculturalidade e a complexidade da experiência humana*, com certeza ela dá as mãos às descobertas importantíssimas da epidemiologia moderna, na qual os intelectuais brasileiros têm um lugar de reconhecida competência.

Hoje, a sociologia das ciências mostra que, um dos grandes avanços possíveis e necessários é o encontro de disciplinas, seja criando novas propostas científicas, seja colocando-se em aberta colaboração para uma explicação mais abrangente e para uma compreensão mais profunda dos fenômenos e das realidades em jogo.

Esse encontro entre a epidemiologia e as ciências sociais e humanas é possível e promissor. Ele é exatamente o contrário do tratamento da questão social e humana através do “senso comum” ou de forma “meramente ideológica”, como freqüentemente ocorre na produção científica da saúde coletiva.

Este número do *Informe epidemiológico* traz assuntos importantíssimos, que juntam abordagens de várias ciências. Um deles “a desigualdade frente a morte” por exemplo é hoje um dos temas mais debatidos na literatura internacional sobre saúde pública, da mesma forma que a economia e a sociologia o retomam com

todo vigor, complexificando o raciocínio que articula o conceito de pobreza e exclusão. Todos os outros assuntos: investigação sobre retardo mental entre escolares; dados sobre resultados de exames de escarros para diagnóstico de tuberculose; e análise de terminologia das medidas e indicadores em epidemiologia; por exemplo, são temas que tocam diretamente, tanto os direitos básicos considerados de primeira geração; as condições de vida como determinantes de agravos à saúde; o papel dos serviços de saúde na predição, prevenção e informações sobre cuidados a que a população tem direito, para construir uma vida saudável. O capítulo sobre informação (uma ciência híbrida que reúne conhecimentos de teorias de cognição, de jogos e de sistemas, de psicologia de interesses e também ciências matemáticas) tornou-se hoje um alvo necessário do investimento para a gestão informada, inteligente, eficiente e eficaz do sistema de saúde.

Ao por a mão em vários assuntos que são como “fios meio desemcapados no campo da saúde coletiva”, que, se tocados de forma descuidada podem dar choque, minha intenção foi apenas de levantar questões.

E pelo trabalho que vêm realizando, saudar o editor geral e os editores executivos do IESUS, pois, de forma cuidadosa e inteligente, estão conseguindo imprimir a esse periódico, cujo maior objetivo é servir de referência para o sistema, os serviços de atenção e o planejamento da política e das ações do setor, um caráter informativo, reflexivo e analítico. Por isso mesmo, neste editorial, quero confessar meu orgulho de fazer parte de um grupo tão seletivo de colegas, e assim, modestamente, oferecer minha contribuição.

Maria Cecília de Sousa Minayo
Membro do Conselho Editorial - IESUS